

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E SUAS CONTRADIÇÕES: POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS.

LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO Y SUS CONTRADICCIONES: POSIBILIDADES PARA LA
CONSTRUCCIÓN DE NUEVOS CAMINOS.

MARIANA ALEJANDRA ROEDEL SALLES TORO

Mestranda no Programa de Pós Graduação de Geografia e Meio Ambiente da PUC-RIO
mari_toro@hotmail.com

Resumo

Para que possamos compreender o movimento de (re)produção das cidades contemporâneas e o fenômeno urbano, é necessário que analisemos como se dá a produção do espaço. É através do espaço que se dão as relações sociais e que o homem se (re)produz. Ao realizar esse movimento de reprodução da vida, o homem consequentemente produz espaço. O espaço como processo das relações sociais nunca está fechado ou acabado, pois está sempre em processo contínuo de construção. A espacialidade contém além de uma materialidade, uma parte abstrata, subjetiva, uma vez que a experiência dos espaços não se dá da mesma forma para todos os indivíduos. Em nosso trabalho, procuramos abordar a esfera do cotidiano, pois entendemos que esta ganha uma centralidade cada vez maior no mundo contemporâneo. É na esfera do cotidiano que se dão as práticas sociais e onde se apresentam as diferentes lutas e correlação de forças entre dominantes e dominados.

Palavras-chave: espaço, produção do espaço, cotidiano, contradições espaciais

Resumen

Con el fin de comprender el movimiento de la (re)producción de las ciudades contemporâneas y el fenómeno urbano, es necesario analizar como es la producción del espacio. Es a través del espacio que ocurren las relaciones sociales y que el hombre se (re)produce. Al realizar este movimiento de la reproducción de la vida, el hombre, en consecuencia produce el espacio. El espacio como un proceso de relaciones sociales no se cierra nunca o simplemente porque está siempre en un proceso continuo de construcción. La espacialidad contiene, además de la materialidad, una parte abstracta, subjetiva una vez que la vivencia de los espacios no sucede de la misma manera para todos los individuos. En nuestro trabajo nos dirigimos a la esfera cotidiana, porque entendemos que se obtiene una centralidad creciente en el mundo contemporâneo. Es en la esfera cotidiana que ocurren las prácticas sociales y donde están presentes las diferentes luchas y correlación de poder entre dominantes y dominados.

Palabras- clave: espacio, producción del espacio, cotidiano, contradicciones espaciales

Introdução

Para que possamos compreender o movimento de (re)produção das cidades contemporâneas e o fenômeno urbano, é necessário que analisemos

como se dá a produção do espaço. O presente trabalho tem como objetivo analisar como os espaços são produzidos de forma dialética.

Na primeira parte analisaremos o espaço urbano como o lugar onde se manifesta a modernidade, a vida cotidiana e a simultaneidade. A partir da generalização das trocas e do mundo das mercadorias, as cidades crescem de forma contraditória, de um lado concentrando o poder em grandes centros financeiros e de outro criando periferias afastadas desses centros financeiros, gerando assim uma hierarquização e fragmentação dos espaços. É justamente nesse movimento dialético (concentração e fragmentação) que se dão as contradições dos espaços e que surgem as novas possibilidades de construção de cidades mais justas.

Na segunda parte do nosso trabalho, procuraremos apresentar as diferentes concepções e dimensões analíticas do espaço, onde diversos geógrafos, na busca dessa compreensão, propõem trabalhar o conceito de espaço dividido em distintas dimensões do real. Porém, veremos que essa divisão é apenas didática, pois na prática, essas dimensões se entrelaçam simultânea e dialeticamente. Trabalharemos também com a produção do espaço como frutos das relações sociais e onde em diversos momentos de sua (re)produção surgem os conflitos sócio-espaciais em decorrência da luta entre aqueles que produzem o espaço impondo uma lógica de dominação, hierarquização e homogeneização das relações capitalistas, e aqueles que lutam por uma cidade mais justa, voltada para o lugar do encontro, das experiências e da simultaneidade.

O urbano

A urbanização durante muito tempo esteve associada ao processo de industrialização, ela surge como uma conseqüência desse processo. Porém, as sociedades urbanas nos dias atuais não podem mais ser tratadas apenas como uma conseqüência da industrialização, elas ultrapassam esse processo, e tampouco devem ser associadas a qualquer cidade. Dessa forma, “a sociedade urbana não se encontra acabada. Ela se faz. É uma tendência que já se manifesta, mas que ainda está destinada a se desenvolver” (LEFEBVRE, 1975 p.81).

O filósofo Henri Lefebvre, em seu livro “*Espaço e Política*”, ao falar sobre as sociedades urbanas, propõe uma periodização do tempo histórico em três eras, sendo elas a agrária, a industrial e a urbana.

Na era agrária, as cidades surgem como uma mediação entre a ordem próxima (do campo) e a ordem distante (sociedade em seu conjunto). Outra característica das cidades nesse período é que estas se configuram em verdadeiras obras de arte, onde, “a monumentalidade é um aspecto essencial da cidade enquanto obra” (LEFEBVRE, 1976 p.82).

Na era industrial, ocorre uma quebra das cidades tradicionais, onde as indústrias surgem como a negação das cidades, a “antacidade”, pois o fenômeno industrial fez com que as cidades crescessem com grande velocidade, provocando assim uma implosão-explosão de suas características antigas. As indústrias promoveram a generalização das trocas e do mundo da mercadoria, o solo e o espaço tornaram-se mercadorias a ser vendidas e compradas, dessa forma, a cidade como obra desaparece, o lado qualitativo do uso cede espaço para o lado quantitativo da troca.

A generalização das trocas provoca um fenômeno de generalização das sociedades urbanas, onde “as relações de produção existentes se estenderam, se ampliaram; elas conquistaram uma base mais ampla integrando simultaneamente a agricultura e a realidade urbana” (LEFEBVRE, 1976 p.84).
Porém,

O urbano se distingue da cidade precisamente porque ele aparece e se manifesta no curso da explosão da cidade, mas ele permite reconsiderar e mesmo compreender certos aspectos dela que passaram despercebidos muito tempo: a centralidade, o espaço como lugar de encontro, a monumentalidade, etc. (LEFEBVRE, 1976 p:84)

O urbano assim assume a forma da simultaneidade, das relações dialéticas, de uma abstração concreta. “É, portanto, o território onde se desenvolvem a modernidade e a cotidianidade no mundo moderno” (LEFEBVRE, 1986 p.2). Nesse sentido, o urbano não se manifesta apenas em grandes cidades, mas também em suas periferias e lugares afastados dos grandes centros comerciais.

As características das cidades, antes monumentais, das cidades históricas, não desaparecem com a modernidade, mas são englobadas pelo urbano. O espaço urbano é produzido, porém não é exterior à natureza, pois sua construção é realizada através da transformação dos materiais retirados da natureza. O urbano contém em si a isotopia (lugares que se parecem e que possuem a mesma função, como os lugares empresariais e de produção industrial) e a heterotropia (divindades, lugares sagrados e simbólicos, palácios, templos, lugares que possuem diversos significados). Cada unidade urbana possui suas particularidades e especificidades, sendo assim, nenhuma unidade urbana é igual à outra, cada uma possui seu ritmo de vida, suas relações, sua organicidade. O urbano carrega em si o movimento e as relações sociais.

O espaço e suas diferentes concepções analíticas

O espaço é o conceito-chave da geografia. É através dele que se dão as relações sociais e que o homem se (re)produz. Ao realizar esse movimento de reprodução da vida, o homem conseqüentemente produz espaço. Nesse sentido, porque produto das relações sociais, o espaço está sempre em processo de construção, é sempre devir.

Para que possamos entender os processos urbanos sob o sistema capitalista é necessário que façamos uma reflexão acerca da natureza do espaço. Diversos geógrafos, na busca dessa compreensão, propõem trabalhar o conceito de espaço dividido em distintas dimensões do real. Porém essa divisão é apenas didática, pois na prática, essas dimensões se entrelaçam simultânea e dialeticamente.

Ao trabalhar com o conceito de espaço, David Harvey identifica uma visão tripartite no modo como o espaço pode ser entendido, sendo elas o espaço absoluto, relativo e relacional. O espaço absoluto seria o espaço de Newton e de Descartes, é o espaço imóvel, fixo, geometricamente seria o espaço de Euclides, contendo “todas as formas de mapeamento cadastral e práticas de engenharia” (HARVEY, 2006 p.10). No âmbito social seria o espaço da propriedade privada e das demarcações territoriais.

O espaço relativo pode ser compreendido como uma relação entre objetos que existem pelo fato desses se relacionarem entre si. “O espaço é relativo em dois sentidos: de que há múltiplas geometrias que podemos escolher e de que o quadro espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem” (HARVEY, 2006 p.10). Essa relatividade do espaço é expressa quando Harvey (2006, p.11) nos mostra que;

Podemos criar mapas completamente diferentes de localizações relativas diferenciando-as entre distâncias medidas em termos de custo, tempo, modo de transporte (carro, bicicleta ou skate) e mesmo interromper continuidades espaciais ao olhar para redes, relações topológicas (a rota ótima para o carteiro), e assim por diante.

Nesse caso, ao levarmos em conta os diversos fatores associados à produção espacial, além daqueles ligados à distância física, e, portanto, a sua materialidade, devemos considerar também critérios cognitivos e toda sua condição relacional.

Em última análise, a visão do espaço relacional esta associada à maneira de Leibniz, “como estando contido em objetos, no sentido de que um objeto pode ser considerado como existindo somente na medida em que contém e representa em si mesmo a relação com outros objetos” (HARVEY, 2006 p.10). Nesse sentido, “um evento ou uma coisa, situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que acontece ao redor dele” (HARVEY, 2006 p.10). Em outras palavras, tomemos como exemplo as transformações em processo na região do Porto do Rio de Janeiro. Se olharmos apenas para a região portuária não há como compreendermos os motivos e a forma como ocorrem essas transformações. O espaço absoluto não se explica por si só, é necessário que relacionemos as mudanças operadas naquele lugar com a lógica do capital financeiro e a tendência global de homogeneização dos lugares, com a força do papel que o Estado em parceria com as empresas privadas (parceria público-privada) **em atuação** naquele lugar reproduzindo uma lógica hegemônica.

Ao questionar-se sobre as dimensões do espaço, Harvey (2006, p.14) chega à seguinte conclusão:

O espaço não é nem absoluto, nem relativo, nem relacional em si mesmo, mas ele pode tornar-se um ou outro separadamente ou simultaneamente em função das circunstâncias. O problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele. Em outros termos, não há respostas filosóficas a questões filosóficas que concernem à natureza do espaço – as respostas se situam na prática humana. A questão “o que é o espaço?” é por consequência substituída pela questão “como é que diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções de espaço?”.

O que definirá então qual concepção a ser utilizada será a natureza do fenômeno considerado. As concepções espaciais funcionam, por assim dizer, como categorias de análise para a compreensão dos fenômenos que se dão no espaço. Ao analisar as concepções espaciais, Harvey (2006) nos traz o exemplo de uma conferência que ocorre em uma sala, onde o espaço-tempo absoluto se dá no presente e na estrutura física e material da sala, através do posicionamento das pessoas, cada qual em sua carteira. Na concepção espaço-tempo relativa, o autor **nos** mostra que ao se dirigir ao público com um tom de voz baixo, as pessoas que estão posicionadas no final da sala não receberão a informação da mesma forma que as outras pessoas posicionadas nas primeiras carteiras. As informações que chegam para as pessoas que estão mais longe podem estar de forma confusa ou não serem ouvidas, porém se simultaneamente esta conferência estiver sendo transmitida por vídeos, as pessoas que assistirem ao vídeo terão maior clareza sobre as informações do que as que se encontram no fundo da sala. Dessa forma, as palavras proferidas durante a conferência são recebidas de forma diferenciada no espaço-tempo relativo. E por último, na concepção do espaço-tempo relacional, ao estar presente na conferência, cada indivíduo carrega consigo sua história de vida e suas trajetórias, sendo assim, pode ser que algumas pessoas estejam presentes apenas fisicamente na sala, porém, com o pensamento voltado para algum problema vivido no cotidiano, ou pela falta de interesse no assunto que está sendo abordado, assim, a mesma conferência, é recebida e absorvida de forma distinta por cada indivíduo presente. Podemos concluir então que as três concepções espaço-tempo estão presentes simultaneamente, interagindo dialeticamente no espaço-tempo.

Ao conceituar o espaço, o filósofo Henri Lefebvre construiu sua própria divisão tripartite, sendo ela composta pelas práticas espaciais, a representação do espaço e o espaço das representações. As práticas espaciais estão ligadas ao espaço da experiência e da percepção parcial do prático-sensível. Os espaços de representação estão ligados ao mundo vivido, da imaginação, das emoções e significados incorporados no modo como vivemos o cotidiano. E por último, as representações do espaço são associadas ao espaço concebido e representado. Essas três dimensões do espaço, que ocorrem de forma simultânea, e, dialeticamente, contribuem para a produção do espaço. Ao tratar do espaço, Lefebvre nos mostra sua natureza multifacetada, onde este, para além de ser apenas uma localização física, é também o lugar da ação e das possibilidades sociais de engajamento nestas ações. Neste sentido, Lefebvre (1976 p.44)

O espaço não seria nem um ponto de partida (ao mesmo tempo mental e social, como na hipótese filosófica), nem um ponto de chegada (um produto social ou o lugar dos produtos), mas um intermediário em todos os sentidos desse termo, ou seja, um modo e um instrumento, um meio e uma mediação.

Mark Gottdiener, por sua vez, em seu texto “*A produção social do espaço urbano*”, ao dedicar uma parte para analisar a produção do espaço em Lefebvre, nos aponta que

O espaço possui múltiplas propriedades num plano estrutural. É ao mesmo tempo um meio de produção como terra e parte das forças sociais de produção como espaço. Como propriedade, as relações sociais podem ser consideradas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Além disso, o espaço é um objeto de consumo, um instrumento político, e um elemento na luta de classes. (GOTTDIENER, 1997 p.127)

Aos mais despercebidos, entretanto, o espaço pode ser entendido apenas como parte do conjunto das forças produtivas, nos termos somente da *reprodução dos meios de produção*, ou seja, um espaço apenas funcional e instrumental, reificado então pela concepção burguesa dominante, e, portanto, no sentido da produção *stricto sensu*. Mas as relações capitalistas se ampliaram e se complexificaram, assim como a própria natureza do espaço.

Não podemos mais ficar presos apenas a concepção de espaço como objeto ou soma de objetos, como coisa ou coleção de coisas, como mercadoria ou conjunto de mercadorias, mas agora devemos olhar para a sua integralidade, ou seja, para a *re-produção das relações de produção*, e, portanto, para a produção *lato sensu*.

A produção do espaço no seu sentido mais amplo compreende, então, a reprodução dos meios de produção e a reprodução das relações sociais, o espaço *stricto sensu* e espaço *lato sensu*, a esfera da produção, mas também a da reprodução da vida, tomada em todas as suas dimensões. Assim poderíamos alcançar a integralidade do espaço, ainda que, como sabemos, este nunca esteja acabado, sendo fruto, portanto, das relações sociais. Nas palavras do próprio Lefebvre (1976 p.48)

Trata-se da produção no sentido amplo: produção das relações sociais e re-produção de determinadas relações. É nesse sentido que o espaço inteiro torna-se o lugar dessa reprodução, aí incluídos o espaço urbano, os espaços de lazeres, os espaços ditos educativos, os da cotidianidade etc. Essa reprodução se realiza através de um esquema relativo à sociedade existente, cujo caráter essencial é ser conjunta-disjunta, dissociada, mantendo uma unidade, a do poder na fragmentação. Esse espaço homogêneo-fraturado não é somente o espaço global do planejamento ou o espaço parcelar do arquiteto e dos promotores imobiliários, é também, o espaço das obras de arte, por exemplo, o do mobiliário e do design. É o estetismo que unifica os fragmentos funcionais de um espaço deslocado realizando, assim, seu caráter homogêneo e fraturado.

Além disso, a forma como esse espaço se organiza, ou seja, a configuração ou arranjo espacial contribui para a (re)produção das relações sociais de produção. Nesse sentido, o espaço não pode ser considerado apenas como o conjunto dos locais de produção e de consumo. Como um elemento das forças produtivas, Gottdiener (1997 p.128) nos aponta que;

Além dessa primeira natureza do papel do espaço na produção, a organização espacial também possui uma segunda natureza. Esta, conforme Lefebvre, figura proeminentemente nas relações sociais de produção. Mais especificamente, é em parte por meio do espaço que a sociedade se reproduz.

Podemos afirmar, então, que o espaço é produto, meio e condição das práticas sociais. A espacialização das relações sociais pode ser apreendida na esfera do cotidiano. É no cotidiano, na esfera da vida, que o homem realiza o movimento da produção do espaço, pois é no plano do cotidiano que se dão as práticas sociais, o movimento da vida. É no plano do vivido, das sensações e das ações que cada indivíduo forma sua visão de mundo e a compartilha socialmente através das práticas sociais, se (re)produzindo.

O cotidiano e o espaço vivido são permeados pelo mundo das representações. As representações são construídas histórica e socialmente, e, de certa forma, estas influenciam na vida dos indivíduos ao criarem padrões apreendidos pela cultura dominante. Assim, ao longo de nossas vidas, as representações se fazem presentes através dos laços familiares, de amizade, de casamento, mediando nossas relações e a forma como vemos e percebemos o mundo. Ao tratar das representações, Lufti (1996, p.94) nos aponta que

A própria representação tem uma história, um modo de ser. Não se pode deixar de lado, diz Lefebvre, as condições de vida dos povos, grupos ou classes que as produzem e, embora sejam resultado de uma determinada relação de forças na sociedade, as representações dirigem-se a todos. Representam a imagem que um grupo, povo ou classe mostra, tanto para os outros como para si mesmo. Assim sendo, a representação, como produto de um determinado processo social, está referida à problemática da dominação e da exploração. Os dominantes, através da representação, podem, sem mentir, passar uma imagem que perpetua a dominação.

O espaço, desta forma, é fruto do encontro de múltiplas trajetórias, da coetaneidade. A imaginação mental, a idealização ou as representações mentais produzidas pelos diferentes grupos da sociedade, acabam por materializarem-se espacialmente através das representações do espaço. “A experiência física e material da ordem espacial e temporal é mediada, em um certo grau, pela maneira com que espaço e tempo são representados” (HARVEY, 2006 p.20). As representações do espaço estão na esfera do espaço concebido, do espaço dos tecnocratas, da razão instrumental. Porém, por mais hegemônicas que as representações do espaço possam ser, estas

não o são em sua totalidade, pois outras interpretações, outros códigos de espaço persistem através dos espaços de representação. Os espaços das representações são lugares de outras apropriações simbólicas, de códigos que não são hegemônicos, mas que coexistem com estes últimos. Assim, Harvey (2006 p.20) nos adverte que

(...) através das rotinas materiais cotidianas, nós compreendemos o funcionamento das representações espaciais e construímos espaços de representação para nós mesmos (por exemplo, um sentimento intuitivo de segurança em um bairro familiar ou por sentir-se “em casa”).

Nesse sentido, podemos dizer que as representações do espaço e os espaços de representação se entrelaçam dialeticamente e se retroalimentam. O cotidiano e as relações sociais são influenciados pela forma como o espaço se organiza, pois esta organização é realizada por diversos atores (Estado, instituições privadas, etc.), que ao produzirem o espaço e as representações do espaço, buscam impor sua lógica dominante. O espaço, ao ser produzido e organizado dentro da lógica hegemônica capitalista, acaba por gerar uma organização espacial hierarquizada de poder, servindo como instrumento a perpetuação do capital. Dentro dessa lógica,

(...) o espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado, mesmo se a intenção se dissimula sob as aparências coerentes da figura espacial. É um modo nas mãos de “alguém”, individual ou coletivo, isto é, de um poder (por exemplo, um Estado), de uma classe dominante (a burguesia) ou de um grupo que tanto pode representar a sociedade global, quanto ter seus próprios objetivos, como os tecnocratas, por exemplo. (LEFEBVRE, 1976 p.44-45)

O Estado, dentro dessa lógica, exerce um papel fundamental, pois mantém o controle administrativo, normativo e policiado dos espaços, sustentando assim a lógica do poder hegemônico. Em outras palavras, podemos afirmar que “o Estado é uma forma hierárquica, dotada da abstração concreta de poder, numa relação de subordinação-dominação, que é então utilizada por burocratas para controlar a sociedade” (GOTTDIENER, 1997 p.146). Porém, não devemos tomar o Estado apenas como um ente que paira

sobre as nossas cabeças, mas sim como uma estrutura espacial, pois como estrutura não pode ser concebido sem o espaço instrumental do qual este faz uso.

A relação entre dominação-subordinação em que o capitalismo se estrutura é essencial para sua própria sobrevivência, pois é a partir do uso do espaço que o capitalismo recria todas as relações sociais para o modo de produção de forma contínua. “Isto é, foi produzindo um espaço distintivo para si mesmo que ocorreu esse processo de dominação através da reprodução” (GOTTDIENER 1997 p.147).

As contradições do espaço e os conflitos de classes se dão através da luta, onde de um lado, predominam os interesses econômicos das classes dominantes que reproduzem a lógica capitalista da produção do espaço, através da criação dos espaços de consumo e do consumo do espaço visando o valor de troca, produzindo assim, espaços cada vez mais excludentes, e, do outro lado, pelas classes abastadas que reivindicam o direito a cidade e o seu valor de uso. Conforme ratifica Gottdiener (1997 p.130);

Esse conflito nasce em razão da contradição fundamental do espaço capitalista: sua pulverização pelas relações sociais da propriedade privada, pela demanda de fragmentos intercambiáveis e pela capacidade científica e técnica de tratar o espaço em níveis cada vez mais vastos. O Estado e a economia reduziram o espaço orgânico a uma abstração – infinitamente fragmentado. Contudo, esse processo nos torna conscientes das forças que reduzem o espaço aos blocos de construção reprodutíveis, homogêneos, da sociedade de massa exigidos pelas forças dominantes. Conseqüentemente, em resposta ao espaço abstrato, que é fragmentado, homogêneo e hierárquico, reafirma-se a singularidade do espaço personalizado e coletivizado, e surgem conceitos orgânicos de integração espacial como espaço pessoal, espaço social, a imagem do espaço, espaço residencial e mesmo espaço global.

As contradições do espaço ocorrem devido ao **tensionamento** entre o espaço abstrato e o espaço social. O espaço abstrato como o espaço da homogeneização e hierarquização, das forças e da lógica dominante que tenta se sobrepôr ao espaço social que corresponde ao espaço das relações sociais. Porém, frente a essa dominação do espaço abstrato sobre o espaço social, surgem diversas insatisfações coletivas. Ao tratar dos efeitos da dominação do espaço abstrato, Gottdiener (1997 p.130) nos mostra que

(...) essa divisão e reivindicação do espaço por uma multidão de atores e instituições produziu uma “explosão de espaços” – a articulação múltipla das relações sociais estratificadas com o espaço. Essa explosão de distinções espaciais muito bem afinada entre pessoas e grupos da sociedade resulta num caos de espaços contraditórios que proliferam as fronteiras em que aparece o conflito sócio-espacial. Não se pode reduzir tal conflito a meras reflexões da luta de classes ou ao seu deslocamento para domínios fora do local de trabalho, como afirmam muitos marxistas, mas ele representa, em vez disso, diferenças concretas entre pessoas em consequência da dominação do espaço abstrato sobre o social em nossa sociedade atual.

Os conflitos sócio-espaciais surgem na medida em que as necessidades sociais não se dão apenas no âmbito econômico, pelo consumo de produtos e bens materiais, mas são necessidades de relações, de informações, de simbolismos, de simultaneidades e de encontros, onde o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca. Nesse sentido, “a arte e o conhecimento são manifestações particulares e *momentos* que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos” (LEFEBVRE, 1991 p.104).

É através das relações sociais que surgem as infinitas possibilidades, onde podemos alcançar a construção de “algo diferente”. A respeito dessas possibilidades, Harvey (2014 p.22) nos aponta que

Esse “algo diferente” não decorre necessariamente de um projeto consciente, mas simplesmente daquilo que as pessoas fazem, sentem, percebem e terminam por articular à medida que procuram significados para sua vida cotidiana.

“Quanto mais se consolida, mais o poder teme. Ele ocupa o espaço, mas o espaço treme-lhe debaixo dos pés. O veneno da suspeita, dramática contrapartida do poder, destila-se por todo o espaço social”. (LEFEBVRE, 1977 p.210). O urbano se apresenta como uma multiplicidade de práticas que podem transbordar de possibilidades alternativas.

Considerações finais

Ao longo do nosso trabalho procuramos apresentar como a produção do espaço se dá de forma dialética e contraditória. Se por um lado há um

movimento de (re)produção espacial das forças hegemônicas, que buscam a homogeneização e hierarquização dos espaços, por outro, vemos aflorar os conflitos sociais como fruto dessa (re)produção capitalista do espaço.

Porém, quando falamos em produção do espaço, não estamos nos referindo apenas à produção *stricto sensu*, mas também à reprodução das relações sociais. Dessa forma, a produção do espaço inclui as práticas sociais e a relação que cada indivíduo e sociedade possuem com os espaços, sendo experiências particulares que se dão na esfera do cotidiano e do vivido.

Por mais que a lógica de dominação e de modelos de cidades possua um caráter global e sejam constituídos de cima para baixo, devemos levar em conta que a materialização desses processos se dá na esfera do lugar, do cotidiano e que ao tentarem se impor geram um **tensionamento** entre diversos grupos sociais que vão contra essa imposição, lutando por espaços mais justos, pelo direito à cidade.

O espaço, por ser fruto das relações sociais, é constantemente produzido e nunca se encontra acabado. Dessa forma, as relações de poder que se estabelecem também estão abertas a novas possibilidades. Nesse sentido, se o espaço é o lugar da reprodução das relações sociais de produção, não devemos nos esquecer que ele é também o espaço dos encontros, de múltiplas trajetórias que se entrelaçam, da ação, da contestação e das infinitas possibilidades.

Referências bibliográficas

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1997, p. 115-194 (Capítulos 4 e 5).

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 9-24 (Prefácio: A visão de Henri Lefebvre). **[Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution**. London: Verso, 2012, p. ix-xviii (Preface –Henri Lefebvre’s vision)]. OBS: Há uma versão em espanhol online.

_____. Space as a key word. In HARVEY, David. Spaces of global capitalism. Towards a theory of uneven geographical development. New York: Verso, 2006, p. 117-148. (Tradução Livre para o português de Letícia Gianella)

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 190p. (El espacio. In LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política**: El derecho a la ciudad II. Barcelona: Península, 1976, 190p.).

_____. Estrutura social: a reprodução das relações sociais. In FORACCHI, Maria Mencarini, MARTINS, José de Souza. Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: LTC, 1977, p. 186-212.

LEITURA COMPLEMENTAR

_____. Lo urbano. In LEFEBVRE, Henri. **Le retour de la dialectique**: 12 mots clef pour le monde moderne. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986, p. 159-173. (Tradução Livre para o português de Margarida Maria de Andrade)

_____. **O direito à cidade**. São Paulo, 1991, p. 103-117; 141-145.

LUFTI, Eulina Pacheco, SOCHACZEWSKI, Suzanna, JAHNEL, Teresa Cabral. As representações e o possível. In MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 87-97.